



GT 60. No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia

Coordenador(es):

Juliane Bazzo (UFGD - Fundação Universidade Federal da Grande Dourados)

Victoria Irisarri (IDAES-UNSAM/CONICET)

Sessão 1

Debatedor/a: Aline Lopes Rochedo (UFRGS)

Sessão 2

Debatedor/a: Talita Jabs Eger (..)

A despeito das possibilidades imagéticas de representação etnográfica, a escrita ocupa papel valioso no fazer antropológico, em tarefas como registrar vivências de campo, analisar dados e construir a narrativa dos estudos da disciplina. Diante dessa imprescindibilidade e, sobretudo, da crescente exploração de formatos inovadores de relatos etnográficos, este grupo de trabalho almeja discutir alternativas de redação que ofereçam, no âmbito da escrita criativa, a possibilidade de produzir textos capazes de potencializar a complexidade da empreitada antropológica. O debate pretendido pressupõe problematizar implicaçõesêmicas, teóricas, éticas e políticas de tais escolhas no processo de reflexividade. Acredita-se que o despertar dessa consciência textual oportuniza às experiências vividas por pesquisadores e interlocutores a chance de serem melhor representadas e apreendidas pelos leitores. Nesse contexto, o grupo espera receber trabalhos: (i) que revisem bibliograficamente o uso de recursos de escrita criativa em etnografias clássicas ou contemporâneas; (ii) que contemplem a elaboração de diários de campo ou cadernos de notas; (iii) que abranjam relatos etnográficos em formatos não tradicionais, com o emprego de ferramentas literárias e artísticas; (iv) que apresentem criticamente usos da escrita criativa em práticas de ensino de etnografia em cursos de Antropologia; (v) e que dissertem sobre processos e desafios da elaboração textual nas investigações da disciplina.

Zora Neale Hurston e a política da escrita da cultura afro-americana

Autoria: Felipe Neis Araujo (Independente)

Neste artigo eu discuto algumas das contribuições pioneiras de Zora Neale Hurston (1891-1960) à etnografia da fala e à antropologia das populações afro-americanas. Autora de vasta e variada obra, que conta com etnografias, peças teatrais, ensaios de crítica social e teoria antropológica, contos, romances e autobiografia, Hurston buscou descrever o inglês e a cultura vernáculos das populações afro-americanas como artefatos políticos e culturais produzidos pela criatividade e engenhosidade daqueles atores sociais. Já na década de 1930, em suas etnografias, ela mobiliza a reflexividade em suas descrições sobre o work de campo, problematizando sua presença, sua história de vida, e seu domínio do inglês padrão e do vernáculo afro-americano para a coleta e descrição de dados. Sua obra é uma fonte privilegiada para pensar a etnografia como gênero literário criativo? uma abordagem teórica que surgiu com a revisão proposta pelos ensaios presentes em *Writing Culture*. Aqui eu me atenho a *Mules and Man*, obra publicada em 1935. Neste livro, que trata de folclore afro-americano, Hurston apresenta transcrições de falas de descendentes de africanos do Sul da Florida e de New Orleans que respeitam a poética da performance. Como conclusões, ofereço uma reflexão sobre o papel atribuído ao contexto da coleta de dados linguísticos no work de Hurston, e sobre sua política de transcrição e análise destes dados como uma intervenção fundamental para o desenvolvimento



tanto do campo de Estudos Afro-americanos quanto da reflexividade na escrita etnográfica.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: